

No Distrito Federal, 70 disputam 3 vagas no Senado

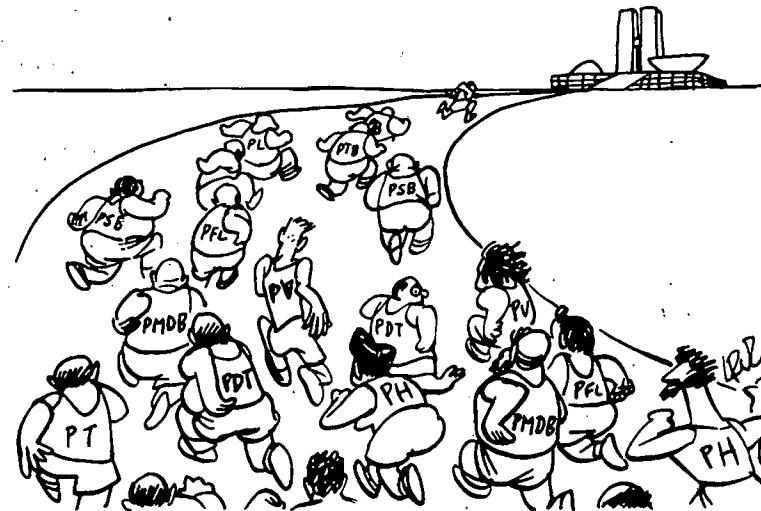
RITA NARDELLI

BRASÍLIA — “Mas isso é uma corrida de São Silvestre...” — surpreendeu-se o empresário Sebastião Gomes da Silva, o “Tião Padeiro”, ao tomar conhecimento do número de pretendentes, no Distrito Federal, às três vagas no Senado: nada menos do que setenta. Filiados a 20 dos 22 partidos organizados no Distrito Federal, os candidatos são responsáveis por um recorde nacional: para cada cadeira, há 23 postulantes. Entre os 23 Estados, cada um com direito a duas vagas, Santa Catarina tem o maior número de candidatos: 19, ou 9,5 por cadeira.

As causas para o recorde, segundo políticos do Distrito Federal, são muitas: a utilização da sublegenda, o grande número de partidos, o exercício da vaidade. Mas a principal seria o fato de Brasília ter eleições pela primeira vez?

— Havia uma situação contida. E um anseio da população, alimentado há 25 anos, de participar do processo político, que veio à tona de uma vez — analisa Félix Palaci, membro da Executiva do PCB, para quem o grande número de candidaturas fortalece a democracia.

Para Maerle Ferreira Lima, funcionário do Senado e candidato pelo PMDB, há muita falta de experiência política. E isso justificaria o recorde. Em sua opinião, na próxima eleição ocorrerá, no Distrito Federal, o mesmo que acontece nos Estados: a procura de nomes para a formação das chapas. Um dos candidatos pelo PDT, o Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil — Seção Distrito Federal, Maurício Correa, acha que a proliferação de partidos é uma das grandes responsáveis pelo excesso de candidatos, problema que se agrava em relação ao Senado, “porque a Aliança Democrática preferiu manter a sublegenda”.



O recurso da sublegenda também é condenado pelo Presidente do PDS do Distrito Federal, empresário Carlos Zacarevski, para quem este é um dos principais motivos de o Distrito Federal ter muitos candidatos.

Tantas candidaturas resistiriam a uma campanha? Na opinião de candidatos de partidos mais estruturados, a resposta é não. Maurício Correa, por exemplo, acha que “no frigar dos ovos vão resultar seis ou oito nomes para o Senado. E o resto será engolido pela campanha, por falta de metas e de plataforma”. Este é também o entendimento de Maerle Ferreira Lima, para quem os partidos que têm condições de chegar ao Senado são o PMDB, o PFL e o PDT. O candidato do PFL Osório Adriano, empresário, acrescenta a essa lista o PDC:

— Fora disso é difícil que apareça um outro — diz.

Uma crítica de candidatos mais conhecidos na região é a falta de representatividade de alguns postulantes ao Senado.

— Como há disponibilidade de vagas, pessoas sem nenhuma tradição, sem nenhum conhecimento na cidade, lançaram-se — avalia Maurício

Correa.

— Acho que centenas de pessoas olharam para o espelho e disseram: sou mais bonito que todos os outros. Sou um grande líder à procura de um partido — imagina Maerle Ferreira Lima, para indagar: Qual o eleitor que vai votar no PMB, a não ser a família do candidato? As pessoas deveriam ter desconfiado e apoiar candidatos viáveis.

“Tião Padeiro” acha que certas pessoas candidataram-se “procurando emprego e prestígio”. Osório Adriano acredita que existe gente concorrendo para se promover e abrir a oportunidade de, num futuro próximo, disputar uma vaga na Assembléia Legislativa.

Numa região onde não há ainda lideranças políticas, não há caciques, e não há noção das tendências do eleitorado, um dos mais desinteressados do País, os partidos esforçam-se para divulgar o tempo em que seus candidatos residem em Brasília a partir do entendimento de que o pioneiro tem mais chances.

— Nosso lema é: não importamos candidatos — orgulha-se o Presidente do PMC (Partido Municipalista Comunitário), Sebastião Bortone.

que concorrerá ao Senado.

Bortone desenvolve sua campanha ao lado de Lea Sayão, filha do engenheiro Bernardo Sayão, que construiu Brasília. Sua expectativa, baseada no respeito que todos têm à família Sayão e no levantamento de velhas amizades, é a de que o PMC receberá votos de todo o Distrito Federal.

— Tem gente, velhos candangos, que abraça Lea chorando — relata.

A campanha eleitoral no Distrito Federal, ao que tudo indica, deverá ser muito regionalizada. Sem representação política até hoje, e com possibilidade de eleger apenas deputados federais e senadores, o eleitorado tem muitas reivindicações ligadas a questões específicas da região.

— Grande parte do eleitorado — diz o candidato do PMDB Pompeu de Souza jornalista — apresenta reivindicações para deputado estadual e até para vereador. E há candidatos que prometem resolver coisas que só o Presidente da República pode fazer. Temos que esclarecer que somos candidatos à Constituinte, que vamos elaborar a Constituição, as leis complementares e ordinárias.

Carlos Zacarevski também se preocupa com isso, observando que, ao contrário do que muitos imaginam, o senador e o deputado federal eleitos terão pouco tempo para cuidar de Brasília, pois estarão envolvidos no processo constituinte.

Entre os 70 candidatos, há grandes empresários, mas o poder econômico não assusta os que não têm muitos recursos para a campanha. O professor universitário Lauro Campos, por exemplo, que concorre pelo PT, acha que o povo atingiu um grau de conscientização que lhe permite não vender nem trocar seu voto por vantagens.

— Quem acha que o dinheiro vale, se surpreenderá, como se surpreendeu com o PT em Fortaleza e em São Paulo.